

A suave arrogância do universitário chique



LEONARDO
TREVISAN*

A análise dos resultados do último vestibular para o curso de Medicina da Universidade de São Paulo (USP) contém uma novidade: 37,7% dos aprovados estudaram os três anos do ensino médio em escolas públicas. Esse fato não significa, necessariamente, que o ensino nas redes oficiais melhorou. A razão dessa novidade é o Inlusp, o programa de inclusão da USP. Por esse programa o aluno que estudou o ensino médio na rede pública recebe um bônus que pode chegar até 12% de pontos a mais, a partir do número de acertos do vestibulando. Resultado: das 175 vagas do mais disputado vestibular para Medicina do País, 66 ficaram com alunos da rede pública. Em 2007, quando o bônus foi só de 3%, só 9,7% dessas vagas foram para alunos da escola pública.

Como o Inlusp mostrou, a ideia de educação não está separada da lógica do esforço tem muito peso.

Como mostrou matéria de O Estado de S. Paulo de 13/3, diferença de centésimos decidiu quem entrava na lista dos aprovados. Um aluno com 75 acertos, com 12% de bônus, passaria na frente de quem obteve, por exemplo, 81 acertos na prova, mas não estudou em escola pública. Esse bônus alterou o perfil de todos os cursos de elite da USP. As reclamações contra o novo sistema foram pesadas, questionando a "injustiça" do bônus. A questão não é essa. Há fato incontestável: o aluno da escola pública tem acesso menor ao conteúdo exigido para entrar em Medicina, por muitas razões e o bônus pode igualar isso. O centro da questão torna-se diferente: quando as oportunidades ficam iguais, o que vai contar é o esforço pessoal. O bônus incentiva o bom aluno e, portanto, protege a ideia de mérito. É bem diferente da lógica da cota. Não é prêmio, não é concessão pura e simples, seja pelo motivo que for. Boa parte dos 66 aprovados em Medicina na USP vindos da escola pública fez cursinho, a maior parte deles com bolsa. Compreender a lógica do esforço começa aqui. Cerca da metade do conteúdo programático exigido para entrar em Medicina os alunos só viram no cursinho.

Erra feio quem imagina que as escolas de elite perdem quando aceitam essa nova fatia de alunos. O diretor de faculdade particular, top de linha, o melhor curso na sua área, alertou seus professores para os riscos, inclusive profissionais, do que chamou de "suave arrogância" do corpo discente. Com razão, esse diretor notou que parte dos alunos que saíam dessa escola de alto desempenho, os mais bem formados, os com melhor berço familiar e cultural possível, perdiam postos no mercado de trabalho para alunos com outra formação. Primeiro motivo: os alunos da escola de elite não aceitam cumprir tarefas simples para entrar no mercado. As empresas relatam que eles assumem atitudes arrogantes, são indisciplinados, rejeitam ordens. Podem ser bem formados, mas e daí? Sem esquecer que como são bem nascidos desprezam os salários iniciais. O diretor pedia que os professores combatessem essa arrogância, até pelas caras mensuralidades.

Um aluno da USP também custa caro. A sociedade tem bom retorno desse investimento, mas o risco da suave arrogância também está presen-

te quando é o Estado que paga a mensalidade. Aumentar a diversificação de origem, preservando o mérito, fará bem para a universidade. Mas fará mais bem ainda para o ensino médio, como efeito-demonstração, como o bom resultado do esforço de estudar. Aliás, virou moda atacar o vestibular como o grande mal da educação nacional. Até o ministro da Educação, Fernando Haddad, que é do ramo, embarcou nessa canoa: "Ampliamos o ensino médio, com distribuição de livro didático, mas nada disso resolve porque colocamos um gargalo no final que é insuperável". Ledo engano: o vestibular não é o problema, ele é apenas o termômetro. Nada mais. A ideia de educação não pode ser separada da lógica do esforço. E isso vale para todos. A boa escola privada pode observar a lógica do bônus da USP para diversificar para melhor seu corpo discente. Até o Senado pode ganhar algo acompanhando essa ideia. Aliás, em breve os senadores terão que votar se aceitam ou não cota para as universidades federais, sem qualquer proteção para o mérito. Decididamente esse não é o caminho. Como o novo perfil dos aprovados no vestibular de Medicina na USP mostrou.

* Editoralista

Email: ltrevisan@gazetamercantil.com.br